



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O PODER DISCIPLINAR DO TEMPO NO CONTEXTO DA SALA DE AULA

Maria Aparecida de Souza Vangiler¹

Clícia Rodrigues da Silva²

Que o tempo é sentido como uma força misteriosa, que exerce sua coerção sobre nós, certamente não é um fato novo. (ELIAS, 1998)

1. INTRODUÇÃO

O tempo na sociedade moderna é um condicionante da vida dos sujeitos, uma vez que sempre mais nos apropriamos de instrumentos, tais como: relógio, calendário, e mais recentemente, os celulares para organizar a vida, seja ela pessoal, familiar, empresarial e social.

Por mais natural que seja hoje organizar a vida utilizando-se de dispositivos³ temporais, nem sempre foi assim. Na vida primitiva, como aponta Elias (1998), a vida era organizada com base em outros parâmetros, tais como: o clima, as necessidades fisiológicas, o plantio e outros. E somente com o processo de desenvolvimento das sociedades e das culturas foi-se criando outras necessidades e conseqüentemente se complexando as estruturas temporais.

Aos poucos a organização temporal que conhecemos hoje foi estruturando-se e ganhando uma dimensão quase intrínseca ao sujeito, de tal

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação, Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, e-mail: vangiler@hotmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Educação da Universidade Federal do Acre, e-mail: cliciarodriguesdasilva@gmail.com

³ Dispositivo compreendido a partir da teoria Foucaultiana



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

O texto, portanto, está organizado da seguinte forma: na primeira parte, apresenta algumas considerações sobre o tempo e seu poder coercitivo, logo em seguida, far-se-á uma apresentação do tempo escolar, incluindo sua gênese e consolidação, e em terceiro será apresentada algumas considerações sobre a organização do tempo escolar, no contexto de produtividade e busca por resultados e para finalizar, apresenta-se algumas considerações que pretendem problematizar a utilização do tempo no interior da escola.

2. O TEMPO E SEU PODER COERCITIVO

Estudar sobre o tempo requer que façamos uma breve explanação sobre em qual definição do mesmo este estudo está apoiado e como ele foi se constituindo ao longo dos anos. O tempo compreendido aqui como uma construção cultural, social e histórica. Foi configurando-se num processo evolutivo que acompanhou o desenvolvimento da humanidade, ou seja, na medida em que as sociedades foram se aperfeiçoando e tornando-se mais complexas, os sujeitos necessitavam aprimorar mecanismos que permitissem a eles agirem pensando na coletividade. Desta forma, nas sociedades primitivas cuja principal finalidade era a subsistência e o atendimento das necessidades básicas, a relação com o tempo era pautado pelo corpo dos sujeitos. Por outro lado, com o advento da indústria e a ideia de produzir mais em menos tempo, os sujeitos precisavam aprender a controlar as necessidades básicas do corpo, em prol de uma “coletividade”. Começava-se, então a estabelecer horários comuns para trabalhar, descansar, comer, fazer as necessidades fisiológicas.

O tempo, assim, ganhava um poder disciplinar, quase que indispensável na vida dos sujeitos. E quanto mais complexa se tornava a sociedade e as relações, mais se fazia necessário que o tempo socialmente construído como adequado àquele grupo fosse absorvido pelos sujeitos.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

As políticas, a partir de então implementadas, mudaram algumas concepções e a configuração do sistema de ensino no país. Oliveira (2013) resume assim, o resultado destas mudanças:

Neste contexto, a *avaliação* assumiu finalidades mais classificatórias e menos formativo-diaognostica, visando incentivar a competição e a melhoria do desempenho por meio de incentivos financeiros. O *currículo* voltou-se para o desenvolvimento e competências e capacidades necessárias ao trabalhador polivalente e flexível, acarretando maior individualização e responsabilização dos sujeitos quanto ao sucesso ou fracasso na trajetória escolar e profissional. A *gestão* assumiu princípios, valores e técnicas da iniciativa privada, tais como eficiência produtividade e controle do trabalho, assumindo um perfil de escola-empresa, onde se preocupa mais com performance, a gerencia, o controle e os resultados. O *financiamento* descentralizou-se: foi redistribuído e mais utilizado como mecanismo de regulação dos sistemas de ensino e produção do trabalho escolar. Os *professores* passaram a ser mais diretamente responsabilizados pelo desempenho dos alunos, tendo suas atividades pedagógicas mais reguladas e controladas e seu desempenho mais associado à ideia de certificação de competências e a incentivos ou punição financeira. (OLIVEIRA, 2013, p. 242. Grifo do autor).

Instaura-se, assim, uma nova configuração do ensino, com base em resultados de alunos e professores, com a força coercitiva presente nas avaliações em larga escala. Estas ganham grande ênfase, uma vez, que o Estado e as Instituições internacionais precisam saber se o dinheiro investido está sendo bem utilizado.

Estas avaliações afetam diretamente o trabalho na escola, de forma positiva e também negativa, e vários estudiosos identificam aspectos dos dois campos. E os autores Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) apontam as principais implicações destas avaliações para os sistemas escolares. Ainda que seja bem significativo, discutir sobre estes aspectos apontados pelos autores, será priorizado no presente artigo, apenas as que se referem a utilização do tempo escolar.

Como aspectos negativos da utilização das avaliações em larga escala e a utilização do tempo Bauer, Alavarse e Oliveira (2015) destacam: Afunilamento curricular, uma vez, que os professores trabalham,



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

principalmente, os conteúdos que são cobrados nas provas e a opção dos gestores quanto ao gerenciamento dos tempos nas escolas e salas de aula, apenas para conseguir resultados melhores, sobrecarregando, alguns professores e alunos apenas para ter os resultados almejados. Assim, “a escola cada vez mais se preocupa com a cognição, com o conhecimento, e esquece outras dimensões da matriz formativa, como a criatividade, as artes, a afetividade, o desenvolvimento corporal e a cultura” (FREITAS, 2012, p. 389), instaura-se, portanto, uma educação organizada para ensinar o básico, sob a justificativa de ser pré-requisito para aprender os outros conteúdos, mas o grande problema é que os demais conteúdos ensinados pela escola não são considerados pelas avaliações externas e por isso, o tempo dedicado a eles é reduzido.

Assim, ao invés de possibilitar um avanço na educação, no que se refere à qualidade, possibilita apenas focalizar nos conhecimentos que são exigidos nas provas, deixando em segundo plano os demais conhecimentos necessários para a formação integral do sujeito. “O problema não é o que ele contém como “básico”, é o que ele exclui sem dizer pelo fato de ser “básico” [...]. Eles deixam de fora a boa educação que sempre será mais do que o básico” (FREITAS, 2012, p. 390)

Os aspectos positivos apontados por Bauer, Alavarse e Oliveira (2015, p. 1377) a cerca da utilização das avaliações em grande escala e o tempo escolar, seria que uma análise detalhada dos resultados pode dar pistas importantes para guiar o planejamento dos professores, organização da escola e propostas pedagógicas capazes de potencializar o ensino e evitar perda de tempo didático. O estudo detalhado dos resultados destas avaliações em larga escala poderiam potencializar os aspectos positivos, e também identificar os as falhas para corrigir. O que poderia levar os sistemas de ensino e as instituições escolares, a buscarem a partir dos resultados, possibilidades de mudanças capazes de influenciar positivamente a qualidade da Educação e não apenas uma busca cega por resultados.

